

Trans* Sexualidade: Reflexões sobre a mercantilização do sexo desde uma perspectiva transgênera

Viviane v*

Resumo: O objetivo deste artigo é examinar alguns aspectos relacionados à mercantilização do sexo a partir de uma perspectiva transgênera. Utilizando referências na literatura sobre questões transgêneras (especialmente aquela produzida por pessoas trans*, como Susan Stryker e Julia Serano), bem como experiências pessoais, tenho a intenção de analisar como a mercantilização do sexo é associada a uma percepção social exotificada de corpos humanos, influenciada por sua vez por ideologias cis-, macho-, e heterocêntricas.

Considerando-se que um exame crítico da ‘dupla consciência’ – termo cunhado por W. E. B. Du Bois no contexto da análise racial – que atinge sujeitos marginalizados tem o potencial de ampliar nossas compreensões sobre determinadas relações de poder assimétricas, este artigo é fundamentado na ideia de que uma perspectiva transgênera pode trazer contribuições relevantes acerca de processos de erotização, fetichização e ojerização de corpos, bem como sobre mercados do sexo. Neste sentido, pretendo refletir sobre como meu corpo – o de uma mulher transgênera – vem sendo socialmente percebido conforme passo pelo processo de ‘transição’, sobre como estas alterações corporais e diferentes leituras sociais afetam minhas visões sobre mim mesma, e sobre que possibilidades e formas de sexualidades estão socialmente disponíveis a pessoas transgêneras em geral.

Sugiro, neste trabalho, que conforme meu corpo é crescentemente percebido como um corpo (trans)feminino, processos de fetichização e exotificação – fortemente correlacionados com ideologias cis- e machocêntricas – têm se tornado mais intensos. Em termos da sexualidade para individualidades transgêneras, e mais especificamente para mulheres trans*, a literatura e experiências pessoais trazem possibilidades intelectuais sobre (e para) pessoas cujos corpos estão nas fronteiras entre o desejo e a abjeção, inclusive sobre condicionantes sociais para a prevalência do mercado sexual como possibilidade de inserção econômica para elas. Uma avaliação crítica destas questões relativas a sexualidades e corpos, incluindo-se a análise de forças opressivas e resistentes em tais relações sociais, é o objetivo central do artigo.

Palavras-chave: Transgeneridades; Sexualidades; Mercantilização do sexo; Estudos Transgêneros; Estudos Queer

Abstract: The purpose of this paper is to examine some aspects of the commodification of sex from a transgender perspective. By using references in trans*-related literature (especially that produced by transgender authors, such as Susan Stryker and Julia Serano) and drawing from my own personal experiences, I intend to analyze how the commodification of sex is associated with exotified perceptions of human bodies, which in turn are influenced by cis-, male-, and straight-centered ideologies.

Understanding that the critical examination of the ‘double consciousness’ – a term coined by W. E. B. Du Bois in the context of racial analysis – which affects marginalized subjects has the potential to broaden our comprehension of certain asymmetric relations of power, this paper is founded upon the idea that a transgender perspective might provide valuable insight about processes of body sexualization and abjection, as well as about sex markets. For instance, I intend to reflect on how my body (of a transgender woman) is being socially read as it undergoes ‘transition’, on how those physical changes and different social perceptions affect my views about myself, as well as to consider what sort of sexual relationships are socially available to transgender individuals.

This paper suggests that, as my body is crescently read as a (trans)feminine one, processes of fetishization and exotification – strongly correlated to cis- and male-centric ideologies – become more intense. In terms of sexuality for transgender individuals, and more specifically transgender women, literature and lived experiences provide insights about people whose bodies are in the boundaries between sexy and bizarre, and about how the sex market is such a prevalent economic destination for transgender individuals. A critical assessment of these issues of body and sex, including the analysis of oppressive and resisting forces in such social relationships, is the objective of this paper.

* Mestranda em Cultura e Sociedade (Universidade Federal da Bahia – UFBA), Bacharel em Ciências Econômicas (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp) e integrante do CuS (grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade - UFBA).

Keywords: Transgenderness; Sexualities; Commodification of sex; Transgender Studies; Queer Studies

Resumén: El objetivo de este artículo es examinar algunos aspectos relacionados a la mercantilización del sexo desde una perspectiva transgénera. Utilizando referencias en la literatura sobre cuestiones transgéneras (especialmente la producida por personas trans*, como Susan Stryker y Julia Serano), así como experiencias personales, tengo la intención de analizar como la mercantilización del sexo es asociada a una percepción social exotificada de cuerpos humanos, influenciada por su vez por ideologías cis-, macho-, y heterocéntricas. Considerandose que un examen crítico de la ‘doble consciencia’ – término de W. E. B. Du Bois utilizado en el contexto del análisis racial – que afecta a personas marginalizadas tiene el potencial de ampliar nuestras comprensiones sobre determinadas relaciones de poder asimétricas, este artículo está fundamentado en la idea de que una perspectiva transgénera puede aportar contribuciones relevantes respecto a procesos de erotización, fetichización y repugnancia de cuerpos, así como sobre mercados de sexo. En este sentido, propongo reflexionar sobre como mi cuerpo – el de una mujer transgénera – ha sido percibido socialmente mientras paso por el proceso de ‘transición’, sobre como tales cambios corporales y distintas lecturas sociales afectan mis autopercepciones, y sobre que posibilidades y formas de sexualidades están socialmente disponibles a personas transgéneras en general.

Sugiero, en este trabajo, que a medida que mi cuerpo es cada vez más percibido como un cuerpo (trans)femenino, procesos de fetichización y exotificación – fuertemente correlacionados con ideologías cis- y machocéntricas – se han vuelto más intensos. En relación a la sexualidad de individualidades transgéneras, y más específicamente para mujeres trans*, la literatura y las experiencias personales traen posibilidades intelectuales sobre (y para) personas cuyos cuerpos están en las fronteras entre el deseo y la repugnancia, incluso respecto a los condicionantes sociales para la prevalencia del mercado sexual como posibilidad de inserción económica para ellas. Una evaluación crítica de estas cuestiones relacionadas a sexualidades y cuerpos, incluyéndose el análisis de fuerzas opresivas y resistentes en tales relaciones sociales, es el objetivo central del artículo.

Palabras-clave: Transgeneridades; Sexualidades; Mercantilización del sexo; Estudios Transgéneros; Estudios Queer

“The [cis]tem you created created a monster
And now you scared cause it's coming back to haunt you”

“O sistema criado por você criou umx monstx
E agora você tem medo porque elx está voltando para lhe assombrar”
(Immortal Technique – Angels & Demons, tradução minha)

01 Introdução

Quando, no ano passado, uma tia minha soube, através de informações disponíveis online, de minha identidade de gênero transgénera¹ – ou seja, de minha identificação como uma mulher transgénera chamada Viviane –, resolveu escrever para mim.

1 Utilizo os termos 'transgénero', 'trans' e 'trans*' de forma intercambiável – usando principalmente o primeiro deles, e os outros dois mais por questões de estilo – como representações de uma “aliança política de todas as formas possíveis de antinormatividades de gênero” (STRYKER, 2008:146, tradução minha). A citação se refere ao termo 'transgénero' (*transgender*).

Vendo em mim uma pessoa mentalmente confusa, 'panaca', 'safada' e 'promíscua', e em minha existência enquanto Viviane uma 'farsa'², ela não hesitou em estabelecer relações entre minha identidade de gênero que se autonomizava e meus pais, ora tomando minha transgeneridade como prova cabal contra a suposta felicidade e harmonia que, segundo ela, minha família mais próxima insistiria em ostentar com 'empáfia' – todo um fingimento que o escândalo da existência de uma pessoa trans fez desmoronar –, ora isentando-os de toda eventual 'culpa' a respeito desta identidade de gênero inconforme, atribuindo a um transtorno mental³ ou a uma 'rebeldia atrasada' a 'loucura' de 'um homem' se proclamar como Viviane.

Desde minhas perspectivas, fica evidente que os sentimentos de culpa e vergonha que me atingem com certas intermitências tenham diálogos intensos com estes discursos que relacionam minhas vivências trans* a transtornos mentais, às infelicidades nas vidas de meus pais e familiares, e a modos de vida tidos como execráveis. Houve, em particular, um episódio que muito me interessou nestas interações com minha tia, e que inspirou significativamente a idealização deste artigo: uma breve conversa telefônica ocorrida no mesmo período das mensagens de texto parcialmente citadas aqui.

Nesta ligação, ela pôde expressar melhor a sua raiva e desprezo por uma das dimensões daquilo que eu considero ser. Em particular, ela direcionou uma ofensiva ácida (e provavelmente recalçada, se me é permitida uma breve especulação) contra as possíveis relações e práticas sexuais que estaria tendo em Salvador, Bahia, cidade em que atualmente resido, distante quase 2.000 km de minha cidade natal no sudeste brasileiro. Minha feminilidade, tão próxima à negritude da cidade, dado estatístico e fonte de inúmeros estereótipos racistas, parecia gerar uma angústia em minha tia: em uma inferência de fortes tons racistas e heterossexistas, e que pressupunha determinadas práticas sexuais, ela me perguntou, sem muitos rodeios, se eu estava dando muito o cu aqui em Salvador.

Diante de meu silêncio – reflexo do assombro com tamanha ousadia, nada mais –, ela insistiu com maior ênfase sobre as inferências e pressuposições iniciais. 'Você deve estar toda arregaçada, não? Deve estar dando para todos os 'negrões'⁴ daí. Por isso que você se mudou pra essa cidade, pra foder o cu. Você deve estar adorando, não?'

2 Os trechos entre aspas são excertos de mensagens e comentários de blog enviados a mim por esta minha tia.

3 Transtorno mental que, de forma interessante, não foi somente associado às percepções dominantes sobre as transgeneridades, em suas formas de patologia ou imoralidade, mas também relacionado, por ela, a uma suposta 'condição genética' que traria às pessoas de minha família materna (minha tia incluindo-se nisto) sofrimentos psicológicos que deveriam, ainda segundo ela, ser tratados a partir dos preceitos psiquiátricos vigentes – isto é, via medicamentos farmacêuticamente legitimados.

Para além das premissas problemáticas (porque apressadas e definidas às margens de qualquer consulta a mim) de que eu, enquanto mulher trans, seria heterossexual e teria tesão em dar o cu, e dos estereótipos racistas sobre anatomias de alguns corpos negros (aqueles considerados 'masculinos' pelas normatividades dominantes de gênero), interessei-me em refletir sobre que normatividades permeariam as correlações estabelecidas por minha tia entre minha identidade de gênero e minha sexualidade.

A proposta deste artigo é, assim, refletir sobre como minha identidade de gênero transgênera e, mais especificamente, como minha posição subjetiva enquanto mulher transgênera pode contribuir, através de insights provenientes de algumas vivências particulares (como as agradáveis conversas com minha tia), para a compreensão da mercantilização do sexo enquanto processo social. O argumento central é de que a mercantilização do sexo, fortemente atrelada a projetos colonizatórios, capitalistas e antieróticos⁵, é associada a percepções supremacistas, utilitaristas e exotificantes de corpos humanos. A partir de reflexões originadas em uma precária e incipiente 'construção do erótico' em minha vivência pessoal como mulher transgênera, pretendo analisar criticamente alguns aspectos da mercantilização do sexo, e possibilidades de resistência a este processo social, em diversas formas e graus, desumanizante.

02 Corpos transgêneros

Os processos pessoais e sociais por que passam pessoas transgêneras – uns mais conflituosos e entristecedores, outros mais empoderadores e alegres – em diferentes contextos sociais estão, de forma bastante geral nas contemporaneidades, relacionados com normatividades cisgêneras⁶ que inferiorizam e exotificam estas existências, e, de maneira

4 Citação aproximadamente conforme o que fora dito para mim. Rejeito a sua aproximação com discursos racistas, e mantenho seu caráter ofensivo como estratégia de ênfase do caráter racista geral de sua fala.

5 Tomando-se o 'erótico' como “um recurso dentro de cada umx de nós [...], firmemente sustentado no poder de nossos sentimentos não expressados ou não reconhecidos.” (LORDE, 1984:53, tradução minha) A mercantilização do sexo, argumentar-se-á, não se difere de outros sistemas opressivos que, “para se perpetuar[em], [...] necessita[m] corromper ou distorcer estas várias fontes de poder internas à cultura dx oprimidx que podem fornecer a energia para a mudança.” (ibid.)

6 Reflito sobre a ideia de normatividade cisgênera em *Pela descolonização das identidades trans** (V., 2012:05): “utilizar o conceito analítico de cisgeneridade [bem como de normatividade cisgênera] tem o objetivo de, em última instância, desautorizar discursos e práticas que naturalizem a norma[tividade] cisgênera, compreendendo as individualidades transgêneras e não-cisgêneras, portanto, como posições marginais e de resistência à dominação colonial cisgênera”.

particular, seus corpos. Reflexões críticas acerca de representações midiáticas de pessoas trans* poderiam exemplificar algumas destas formas de inferiorização e exotificação: vidas transgêneras habitam, de acordo com perspectivas dominantes representadas em diferentes meios, o campo do 'curioso'⁷, do 'perverso', do 'abjeto', do 'transtornado', do 'desumano'⁸. A partir destas e outras valorações sociais, pessoas transgêneras estão mais expostas a exclusões e discriminações nos âmbito econômico, legal, da saúde, e familiar⁹.

Devido à forte intensidade do gênero enquanto marcador de diferenças (tanto em sua dimensão 'clássica' homem-mulher quanto na dimensão cis-trans), estas normatividades também terminam por influenciar significativamente as possibilidades afetivas e sexuais daquelas pessoas cujos gêneros sejam inconformes. As normatividades cisgêneras, ao promoverem discursos supremacistas sobre os corpos e sobre as performatividades de gênero esperadas para estes corpos, posicionam as existências transgêneras em lugares complicados nos relacionamentos afetivos e sexuais. Estes posicionamentos são permeados, ainda, pela normatividade heterossexual¹⁰.

Pode-se pensar, também, na normatividade cisgênera como algo próximo ao conceito de 'homonormatividade' pensado por Susan Stryker (2008:145): “Homonormatividade [...] foi uma tentativa de articular o duplo senso de marginalização e deslocamento experimentados dentro do ativismo político e cultural transgênero” – incluindo, nesta afirmação, marginalizações experimentadas dentro de comunidades LGB.

- 7 Julia Serano (2007:57, tradução minha) atribui tal 'curiosidade' sobre pessoas transgêneras ao cruzamento que elas fariam de fronteiras supostamente 'impenetráveis' de gênero, em uma interessante conexão com outras normatividades (de beleza e tamanho corporal): “a principal razão pela qual cirurgias plásticas, procedimentos de 'redução de estômago' e cirurgias de 'redesignação sexual' recebem tratamentos sensacionalistas semelhantes é relacionada ao fato de estxs sujeitxs atravessarem o que normalmente é considerada uma fronteira categórica intransponível: do não atraente ao desejável, do gordo ao magro, e no caso das pessoas transexuais, de homem a mulher, ou de mulher a homem”.
- 8 “Porque a maioria das pessoas têm grande dificuldade em reconhecer a humanidade de outra pessoa se elas não são capazes de reconhecer seu gênero, a pessoa cujo gênero está em mudança pode evocar nas demais um temor primordial da monstruosidade, ou perda de humanidade” (STRYKER, 2008:6).
- 9 “Pessoas transgêneras frequentemente enfrentam altos níveis de estigma e discriminação, [...] privando-lhes do acesso a oportunidades que outras pessoas têm”. Adicionalmente, “muitos países não reconhecem legalmente o gênero de pessoas transgêneras, significando uma frequente impossibilidade de obtenção de identificações oficiais, passaportes e de direitos de viagem, direitos à seguridade social e ao casamento”. (AVERT, tradução minha)
- 10 Normatividade que poderia ser exemplificada pela ideia popular de que mulheres trans*, por exemplo, se identifiquem como mulheres com o objetivo de atrair homens, deslegitimando uma miríade de narrativas trans. Estas 'confusões' poderiam ser relacionadas à invisibilização histórica de pessoas transgêneras nos movimentos LGBTQI, o que Shannon Price Minter (2006:142, tradução minha) analisa no contexto estadunidense: “[...] como é que um movimento iniciado por caminhoneiras [*bull daggers*], drag queens e transexuais [...] acaba enxergando pessoas transgêneras como forasteiras?”

Revista *Periódicus* 1ª edição maio-outubro de 2014

www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/index

Neste sentido, ainda que lutemos pela ideia de que “direitos transgêneros são direitos humanos” – uma linha de argumentação analisada em suas potencialidades e limitações por Kendall Thomas¹¹ –, e alguns avanços legais para pessoas transgêneras tenham sido reconhecidos na história recente (como, por exemplo, legislações específicas e princípios afirmados sobre identidades de gênero¹²), “o reconhecimento legal de pessoas trans somente é significativo quando forma parte de uma transformação cultural mais ampla” (CURRAH, JUANG, MINTER, 2006: XXIII, tradução minha). Tal transformação cultural necessariamente envolverá uma complexificação das percepções sociais sobre pessoas transgêneras para além de mera “curiosidade ou perversão da natureza” (ibid.), o que inclui, entre diversos outros aspectos, a inserção destas pessoas como sujeitos afetivos e sexuais.

Sem tais transformações, a manutenção da posição dominante de normatividades cisgêneras constitui (e é por ela também constituída) uma hierarquia de pessoas humanas, conjuntamente a outras normatividades (de, por exemplo, raça-etnia, classe social, e (d)eficiência¹³). Assim, o corpo transgênero que se modifica, associado com frequência ao bizarro e ao desumano, vai se ressignificando dentro de um contexto inferiorizante: em minha experiência, a 'transição'¹⁴ tem sido um processo em que as alegrias e os desafios interessantes trazidos pelas mudanças corporais por mim desejadas (no meu caso, o maior reconhecimento de meu gênero feminino e a ressignificação corporal derivada de alterações como o aumento dos seios, entre outros elementos) interagem com fortes discursos que a deslegitimam, como por exemplo as ideias de que eu nunca serei uma mulher (cisgênera)¹⁵ – mesmo adequando

11 Se, por um lado, alinhar direitos transgêneros a direitos humanos é potente pela “simplicidade atraente de sua lógica e pela intuição moral e política que a sustenta”, há também dificuldades significativas envolvidas neste alinhamento, uma vez que “vivemos em um momento histórico no qual os conceitos de 'humano' e de 'direitos' se tornaram objeto do 'mais radical questionamento possível’”, e também necessitamos “enfrentar uma ordem social [...] sob a qual pessoas transgêneras são vistas como 'não pessoas'[...]” (THOMAS, 2006:311, tradução minha)

12 Como a 'Lei de Identidade de Gênero' (*Ley de Identidad de Género*) argentina, promulgada em 2012 (INFOLEG, 2012), e os Princípios de Yogyakarta, “uma série de princípios internacionais relacionados a orientação sexual e identidade de gênero.” (ICJ, 2007, tradução minha)

13 Eu cito Qwo-Li Driskill (2004:63, tradução minha) sobre o uso de (d)eficiência [*(dis)ability*] como alternativa a deficiência (*disability*): “[este uso] chama a atenção para a 'deficiência' como uma construção política e social ao invés de uma 'condição' inerente cuja culpa é atribuída a nossos corpos e mentes.”

14 'Transição' é um termo comumente utilizado para designar alterações corporais e sociais relacionadas ao(s) gênero(s) percebido(s) de diversas pessoas transgêneras. Pode ser problematizado por se associar a ideias de 'antes e depois' e de gênero como algo binário ('homem que virou mulher'), nem sempre aproximações tidas como válidas por pessoas transgêneras.

meu corpo às normatividades cisgêneras em graus razoáveis – e de que um corpo onde convivam seios e pênis, por exemplo, é indesejável e-ou exótico.

Meu corpo – o corpo de uma mulher transgênera – é diferenciado em relação às 'normalidades' (cisgêneras) devido ao fato de se alterar de acordo com padrões estéticos distintos daqueles esperados para corpos 'como o meu': se terapias hormonais, procedimentos estéticos de remoção de pelos corporais e penteados – os procedimentos mais significativos por que tenho passado – são alterações corporais 'corriqueiras'¹⁶ de acordo com ideologias dominantes, há leituras sociais muito mais restritivas e cautelosas quando estas alterações vão em sentidos 'antinaturais' (transgêneros), a ponto de, não raramente, pessoas transgêneras nos questionarmos sobre que agência temos sobre nossas existências quando elas não se alinham com determinadas normatividades de gênero.

Tal diferenciação de corpos, inferiorizante e marginalizante, e parte de problemas experimentados por muitas pessoas transgêneras – como baixa autoestima, insegurança pessoal, dependência de substâncias químicas, vontades de suicídio, entre outros –, pode, potencialmente, ser pensada como um aspecto da colonização das identidades transgêneras. Mais especificamente em relação aos propósitos deste artigo, podemos pensar que as sexualidades trans* são colonizadas, nas formas pensadas por Qwo-Li Driskill¹⁷:

Uma sexualidade colonizada é aquela em que internalizamos os valores sexuais da cultura dominante. Os invasores continuam a impor a ideia de que a sexualidade e gêneros não dicotômicos são um pecado, recriando a sexualidade como algo ilícito, chocante, vergonhoso, e demovido de qualquer contexto espiritual positivo. Sexualidades e gêneros *queer* são degradadxs, ignoradxs, condenadxs, e destruídxs. (DRISKILL, 2004:54)

Neste processo de colonização, portanto, as pessoas cujos gêneros não estejam em conformidade com padrões cisgêneros têm suas vidas afetivas e sexuais traumatizadas e inferiorizadas. A depender dos graus de inconformidade de nossas identidades de gênero, bem como das múltiplas formas através das quais estas interagem com outros vetores normativos,

15 Sou empática com a seguinte citação de Julia Serano (2007:35): “Como uma mulher transexual, sou frequentemente confrontada por pessoas que insistem que eu não sou, e tampouco poderei ser, uma 'mulher de verdade'.”

16 Considerando-se que o acesso a diversas destas tecnologias é bastante restrito de um ponto de vista econômico.

17 Meu primeiro contato com Qwo-Li Driskill foi relacionado a um evento trágico: em uma consulta ao site '*Remembering Our Dead*', feito em memória de pessoas transgêneras que foram assassinadas, encontrei um poema escrito por Driskill em memória de F.C. Martinez, uma pessoa Dois-Espíritos (*Two-Spirit*) assassinada em 2001. Disponível em: <http://www.gender.org/remember/people/fredmartinez.html>.

Revista *Periódicus* 1ª edição maio-outubro de 2014

relacionamentos afetivos ou sexuais podem se constituir em uma questão delicada para pessoas transgêneras. Por exemplo, Willy Wilkinson (2006:193, tradução minha) cita alguns estudos feitos sobre a comunidade transgênera de San Francisco (Califórnia, EUA), incluindo-se informações sobre seus relacionamentos e práticas sexuais: “pessoas transgêneras enfrentam questões ligadas ao 'contar' de sua identidade de gênero trans, à negociação de parâmetros sexuais, e à rejeição. Parceirxs sexuais potenciais [...] frequentemente não aceitam corpos trans.” Estes dados trazem uma ilustração sobre as posições inferiorizadas em que as pessoas transgêneras podemos nos situar em nossas vidas sexuais e/ou afetivas.

Neste sentido, é desde a posição colonizada de uma mulher transgênera percebida como branca ou de origem asiática, não heterossexual, que teve (e tem) acesso decente a recursos financeiros, educacionais e de saúde, e que está alinhada a certos padrões corporais cisgêneros, que se pretende analisar o processo de mercantilização do sexo. É um corpo desumanizado, em certos aspectos (e privilegiado, em muitos outros), que tenta apresentar visões precárias e incipientes sobre o erótico em si contra um mundo que enxerga pessoas transgêneras através de lentes cisgênero-supremacistas – lentes que são influenciadas, indubitavelmente, por outras normatividades. Tais posicionamentos complexos e inferiorizados na economia sexual e afetiva podem, talvez, contribuir para um entendimento crítico dos processos de mercantilização do sexo, canalizando conhecimentos críticos a partir do que W. E. B. Du Bois caracteriza como 'dupla consciência':

É uma sensação peculiar, essa dupla consciência, esse sentimento de estar sempre olhando a si mesmxx através dos olhos de outrem, de estar medindo sua alma a partir da régua de um mundo que a enxerga com desprezo e dó. (DU BOIS, 1903, tradução minha)

É a partir desta perspectiva, desta 'sensação peculiar', que se propõe fazer algumas reflexões sobre alguns processos que se associam à mercantilização do sexo: a especificação técnica do corpo humano, o mercado do sexo 'stricto sensu', e a mercantilização do sexo em relação ao erótico.

03 A mercantilização do sexo desde uma perspectiva transgênera

Pretendo analisar, nesta seção, alguns aspectos da mercantilização do sexo, localizando este processo social não somente em relação à dinâmica capitalista – em particular, à sua etapa neoliberal – mas também em relação a outras esferas normativas –

especialmente aquela relacionada a identidades de gênero. Compreendo, também, que uma análise crítica deste processo enquanto fenômeno da história recente deve ser sensível ao fato de que o sexo (enquanto conjunto de práticas e desejos com intenções reprodutivas ou não) foi uma variável significativa na precificação humana em vários processos históricos pré-capitalistas – como, por exemplo, a escravidão de pessoas negras e indígenas.

Seja nos desumanos porões nos quais se avaliavam pessoas negras de acordo com critérios, a seu tempo, 'técnicos'¹⁸, seja nos consultórios de cirurgia plástica climatizados em que novas possibilidades corporais são analisadas, o gênero configura uma lente interessante a partir da qual se podem interpretar algumas especificidades da mercantilização do sexo (e outras formas pré-capitalistas de objetificação sexual também¹⁹):

Mulheres, especificamente, foram por muito tempo mercantilizadas como objetos sexuais (bem como os homens, de diferentes maneiras e com objetivos distintos). Não somente somos usadas para vender coisas, mas somos coisas; estamos figurativamente “à venda” para consumo o tempo todo. Ainda que mulheres sejam hipersexualizadas neste processo de mercantilização, como pessoas individuais elas são destituídas de sua própria sexualidade. Se um objeto tem uma perspectiva sobre sua própria sexualidade, sua identidade ou desejos sexuais, ele está em risco de se tornar real, um sujeito. (JOHNK, 2012)

A mercantilização do sexo, assim, refere-se à transformação de corpos humanos em commodities sexuais precificadas a partir de normatividades sociais, e ao estabelecimento, nos sistemas econômicos capitalistas, de uma economia do sexo fundamentada na produção – material ou discursiva – de bens, serviços e discursos destinados a alterações, avaliações, precificações, regulações e intervenções sobre corpos e práticas sexuais humanxs. Esta economia caracterizaria, de acordo com as complexas intersecções normativas, distintas inserções econômicas de pessoas e grupos sociais.

Vivências transgêneras estão localizadas, pelas suas marginalizações, em pontos particulares desta economia do sexo mercantilizada. São pontos, entretanto, que se relacionam com a dinâmica geral da mercantilização do sexo: dessa forma, transgeneridades podem ser

18 “Meus [...] ancestrais africanos estiveram em leilões neste país onde seus corpos foram postos à venda. Eles estiveram sujeitos ao 'olhar' [gaze] branco de maneira bastante literal; suas genitálias foram tocadas e inspecionadas muito publicamente. Os corpos de meus ancestrais nativos [*First Nations*] (Tsalagi/Cherokee) foram removidos, infectados, massacrados e presos à força. Eles foram tão efetivamente removidos e encarcerados que sequer entram nos imaginários eróticos da cultura dominante.” (KAY et al., 2000:328, tradução minha)

19 “O abuso sexual deve ser visto a partir de um entendimento da história da colonização, que utiliza a sexualidade como uma ferramenta para o ganho de poder sobre outras pessoas e para o controle dos corpos de mulheres. [...] A invasão europeia das Américas necessitou de uma masculinidade que assassinasse, estuprasse e escravizasse pessoas nativas e africanas.” (DRISKILL, 2004:53)

Revista *Periódicus* 1ª edição maio-outubro de 2014

vistas, neste artigo, como pontos particularmente situados que possibilitam uma análise crítica de um movimento geral da mercantilização do sexo. Em especial, pretende-se analisar três aspectos deste processo social: a especificação técnica de corpos, o mercado sexual 'stricto sensu', e a mercantilização do sexo em relação ao conceito de erótico.

Os processos contemporâneos de 'transição' de pessoas transgêneras, (relativamente) popularizados a partir de meados do século passado²⁰, consistem fundamentalmente em procedimentos estéticos 'tópicos' (cortes de cabelo, remoção ou manutenção de pelos corporais, indumentária), terapias hormonais e procedimentos cirúrgicos. Para além da costumeira curiosidade e da eventual invasividade envolvida nas considerações de tais processos, podemos verificar, através deles, como corpos humanos têm sido crescentemente sujeitos a uma especificação técnica: dos pés às cabeças, há um conjunto de medidas ou variações dimensionais idealizadas que, em conjunto, definem o valor social conferido a estes corpos. A depender dos graus de inadequação a estas medidas, pode-se dizer que a humanidade mesma destes corpos passa a ser questionada.

A especificação técnica dos corpos humanos pode ser observada mais nitidamente para aquelas 'partes do corpo' que se referem aos caracteres ditos 'sexuais' destes corpos: pênis, seios, vaginas, cus, e outras partes corporais que, culturalmente, estimulam desejos, são avaliados conforme suas dimensões, texturas, capacidades de abertura e expansão, entre outras características. O processo de mercantilização do sexo não somente é uma influência para esta crescente especificação técnica, como também nela se alicerça para o desenvolvimento de produtos e serviços associados à construção de corpos normatizados (de bombas penianas a vaginas reconstruídas – para pessoas cis e transgêneras, enfatize-se). Pensando-se nas 'transições' transgêneras, ainda, podemos verificar que as alterações corporais legitimadas são aquelas que visem à adequação dos corpos transgêneros (devidamente identificados como 'transtornados' pelas instituições médicas) às normatividades relativas a corpos cisgêneros: nossas aspirações enquanto pessoas transgêneras, portanto, necessariamente pressupõem – de acordo com narrativas dominantes – uma idealização dos corpos cisgêneros.

A especificação técnica de corpos é particularmente intensa naquilo que poderíamos denominar mercado sexual 'stricto sensu' (uma diferenciação que provavelmente é útil no

20 “No último século, avanços na medicina ofereceram a pessoas trans a oportunidade de realizar uma transição física (através de hormônios e cirurgia) em adição a uma transição social.” (SERANO, 2007:117)

Revista *Periódicus* 1ª edição maio-outubro de 2014

contexto deste artigo), talvez a esfera em que a mercantilização do sexo se apresenta de formas mais brutas e evidentes. E é justamente neste mercado que muitas pessoas transgêneras, especialmente mulheres, têm uma de suas poucas possibilidades de renda e sobrevivência: estima-se que 44% das pessoas transgêneras pelo mundo estão no mercado sexual (UNAIDS, 2012:76). Esta inserção econômica frequentemente precária expõe pessoas transgêneras a situações de risco à saúde e a abusos, como o da infecção por HIV e o de violências relacionadas à (identidades de) gênero (ibid.).

Em uma tentativa de ir além de mera indignação com os dados do relatório, é possível pensar sobre a mercantilização do sexo no 'mercado sexual transgênero': mulheres transgêneras são vendidas, frequentemente, como 'gatas de pinto' (*chicks with dicks*, no inglês) ou 'bonecas' (*shemales*)²¹ cujo apelo mercadológico está na sua suposta incorporação do 'melhor dos dois mundos' – o que, suponho, se refira à coexistência, em alguns destes corpos de mulheres transgêneras, de pênis e seios. Este imaginário inserido na indústria pornográfica dialoga com as dinâmicas do mercado do sexo para pessoas transgêneras, desenvolvido como um 'nicho' em comparação ao 'mercado sexual cisgênero'. Anúncios de mulheres transgêneras acompanhantes, em adição à especificação técnica a que os corpos de mulheres cisgêneras estão sujeitos no mercado sexual, frequentemente incluem informações a respeito da 'transição' desta pessoa (por exemplo, sobre seu uso de hormônios) e tamanho da genitália (se aplicável): a especificação é tão detalhada e objetiva quanto considerado necessário para a ocorrência da transação.

Tal 'estranheza' ou 'exotismo' talvez estejam entre as razões por trás de duas posições aparentemente contraditórias que as mulheres transgêneras ocupam no mercado sexual: por um lado, alguns corpos transgêneros (usualmente aqueles que estão alinhados com outros vetores normativos, especialmente aqueles relacionados a padrões de beleza dominantes e à passabilidade como pessoa cisgênera) são melhor precificados em relação a, por exemplo, corpos cisgêneros masculinos e femininos também participantes deste mercado; por outro, outros corpos transgêneros (usualmente aqueles que são marginalizados em outros aspectos, como classe social e raça-etnia) não somente são depreciados, mas também vistos como descartáveis, sendo frequentemente mortos de maneiras ultrajantes. Em todos casos, a

21 Gostaria de enfatizar o caráter potencialmente ofensivo destes termos, bem como da denominação externamente imposta a elementos corporais de pessoas transgêneras. O objetivo ao se utilizarem tais termos é evidenciar o grau em que o mercado sexual é influenciado por discursos cissexistas: através deles, o uso de termos pejorativos contra identidades de gênero inconformes para se promover um nicho de mercado é legitimado.

inserção econômica de diversas pessoas transgêneras é restrita a ocupações precárias (cuja precariedade é historicamente situada), especialmente uma que tem relações peculiares com práticas e relações degradantes, o mercado sexual 'stricto sensu', que acaba por, através da constituição de estereótipos e estigmas, intensificando a marginalização social de pessoas transgêneras.

Assim, a mercantilização do sexo, processo social intrinsecamente associado aos projetos colonial, imperialista, racista, classista e cis+sexista²² – entre outros –, ao intensificar e criar novas formas de normatização e hierarquização de pessoas humanas (frequentemente com o objetivo de criar e desenvolver novas estruturas de reprodução e ampliação do capital) pode ser caracterizada como pró-cíclica em relação às normatividades dominantes. Em outras palavras, a mercantilização do sexo promove discursos que reafirmam certas normatividades, ao invés de questioná-las substancialmente – tal postura crítica não parece ser economicamente favorável, ou sequer é considerada em estudos de viabilidade. Neste sentido, este processo atinge desproporcionalmente aquelas pessoas cujos posicionamentos estejam mais às margens das normatividades: mais às margens das branquitudes, das europeidades e norteamericanidades, às margens dos círculos respeitáveis de consumo e investimento (em vários sentidos de 'respeitabilidade'), às margens das masculinidades, dos padrões corporais dominantes e às margens das cisgeneridades.

Dessa forma, poderíamos levantar a hipótese, talvez, de que as economias sexuais e afetivas inseridas no processo de mercantilização do sexo se caracterizam, através de normatizações várias contextualmente exercidas, como excludentes e marginalizantes – tanto mais quanto mais profundas e acríicas forem estas inserções. Com frequência, dada a predominância destas economias nas contemporaneidades, temos a impressão de que o único caminho possível seria o de maximizar nossa conformidade às normatividades vigentes. Entretanto, Audre Lorde nos adverte sobre os riscos inerentes a este caminho:

O principal horror de qualquer sistema que define o 'bom' em termos de lucro ao invés de defini-lo em termos das necessidades humanas, ou que define as necessidades humanas excluindo-se seus componentes psíquicos e emocionais – o principal horror de tal sistema é que ele retira de nosso trabalho seu valor erótico e seu poder erótico, roubando da vida seu interesse e plenitude. (LORDE, 1984, 55)

22 O termo 'cis+sexismo' é uma tentativa de caracterizar o complexo entrelaçamento entre a normatividade sexista de gênero (produtora cultural das diferenças homem-mulher) e a normatividade cissexista de gênero (produtora cultural das diferenças cis-trans).

Sendo assim, devemos nos questionar criticamente sobre os condicionantes e consequências de buscarmos vencer no jogo do sexo mercantilizado, este jogo que tem suas regras alteradas, frequentemente, segundo as ambições de grupos sociais dominantes, que reforça discriminações sociais históricas – também criando outras –, e que oferece pouco em comparação ao que cobra em termos de alinhamentos normativos. Este questionamento crítico talvez se beneficie de uma perspectiva centrada no gênero sobre a objetificação sexual de mulheres (cis e trans), elemento importante da mercantilização do sexo:

Os resultados são uma preocupação com padrões de 'beleza' inalcançáveis, a autoaversão de nossas pessoas, e a inveja e desdém por outras mulheres que percebemos como superando nossos próprios esforços. Se você falha, tudo que obtém é uma autoestima realmente baixa; se você tem êxito, passa a ser um objeto sexualmente consumível para o prazer centrado na masculinidade, o que somente se consolida se você estiver constantemente [24/7] disponível para consumo. (JOHNK, 2012)

Neste sentido, a questão fundamental que surge é sobre a (in)compatibilidade entre o processo social de mercantilização do sexo com projetos descolonizatórios de variadas identidades e identificações – projetos desejáveis, por ser desejável o fim dos sentimentos de inferiorização e marginalização por que estas identidades e identificações passam²³. A conclusão preliminar, neste artigo, poderia ser resumida na ideia de que anticolonialismos que não sejam criticamente contrários à mercantilização do sexo estarão (mais) vulneráveis a limitações e reapropriações sistêmicas (tanto em esferas pessoais quanto de grupos sociais), sugerindo também que um caminho bastante interessante para a construção deste sentimento de oposição em relação à mercantilização do sexo pode estar na articulação das potências do erótico:

Quando vivemos fora de nós mesmxs, e por isto quero me referir a vidas fundadas em diretrizes externas em detrimento de nossos conhecimentos e necessidades internas, quando vivemos distantes desses guias eróticos dentro de nós, nossas vidas então ficam limitadas por formas externas e estrangeiras [...]. Mas quando começamos a viver de dentro para fora, em conexão com o poder do erótico dentro de nós e permitindo que este poder informe e inspire nossas ações no mundo que nos rodeia, então começamos a nos tornar responsáveis por nós mesmxs em seu sentido mais profundo. (LORDE, 1984:58)

Reflexões sobre as possibilidades do erótico como resistências antinormativas constituem a próxima seção.

23 Como, por exemplo, as cicatrizes que marcam as existências indígenas norte-americanas: “Nossas sexualidades [a de existências indígenas] têm cicatrizes deixadas por uma cultura branco-supremacista.” (DRISKILL, 2004:54)

04 Resistências eróticas

Esta seção é derivada de uma hipótese apenas levantada aqui neste artigo: a de que as anticolonizações são, em diferentes graus, incompatíveis com o processo social de mercantilização do sexo. Sendo assim, e tomando-se a descolonização das identidades trans* como uma resistência, em minha consideração, imprescindível e urgente, torna-se fundamental pensar em estratégias anticoloniais de resistir à mercantilização do sexo. Estes caminhos de resistências poderiam ser pensados a partir do conceito de erótico pensado por Audre Lorde (1984:59):

Reconhecer o poder do erótico em nossas vidas pode nos dar a energia necessária para promover mudanças genuínas em nosso mundo, ao invés de meramente aceitar uma alteração de personagens num mesmo drama desgastado.

Um destes caminhos estaria na ideia de se construir um 'Erótico Soberano', proposição feita por Qwo-Li Driskill em um artigo que toma o erótico em Audre Lorde como uma ferramenta no processo de 'cicatrização' (*healing*) das sexualidades queer e gêneros não binários de pessoas de origens indígenas (*First Nations*), cicatrização que se constitui como peça fundamental nos processos descolonizatórios: “cicatrizando nossas sexualidades como pessoas indígenas [*First Nations*] é entrelaçado com [...] o processo corrente de descolonização” (DRISKILL, 2004:51). Driskill, uma pessoa 2-espíritos²⁴, relaciona os processos de colonização de terras nativas norte-americanas ao apagamento do 'eu erótico' (*erotic self*): “Eu não somente fui removido de minhas terras nativas, eu também fui removido de meu eu erótico e continuo em uma jornada de retorno à minha primeira terra nativa: o corpo” (ibid.:53). Esta jornada consistiria no seguinte:

Para descolonizar nossas sexualidades e nos dirigirmos a um Erótico Soberano, devemos desmascarar os espectros de conquistadores, padres, e políticos que invadiram nossos espíritos e psiques, insistir para que saiam, e começar a cuidar das feridas abertas que a colonização deixou em nossas carnes. (DRISKILL, 2004:54)

A descolonização das sexualidades pode ser uma tarefa bastante complicada e dolorosa, exigindo um pensamento profundamente crítico e a força e solidariedade de comunidades – o que a caracteriza, fundamentalmente, como um processo que necessariamente está além da esfera pessoal, tornando-se também parte da esfera política.

24 “O termo '2-espíritos' [*Two-Spirit*] é uma palavra que resiste a definições coloniais de quem somos. É uma expressão que posiciona nossas identidades sexuais e de gênero como soberanas em relação àquelas de movimentos LGBT brancos” (DRISKILL, 2004:52).

Qwo-Li Driskill analisa os laços que ligam pessoas individuais e comunidades em um contexto do Erótico Soberano:

Quando me refiro a um Erótico Soberano, estou tratando de uma inteireza erótica cicatrizada e-ou em processo de cicatrização do trauma histórico a que pessoas indígenas [*First Nations*] continuam sobrevivendo, enraizada nas histórias, tradições, e lutas de resistência de nossas nações. [...] Eu não vejo o erótico como uma dimensão de consequência pessoal, unicamente. Nossos relacionamentos com o erótico têm impacto sobre nossas comunidades ampliadas, assim como nossas comunidades influenciam nossas percepções do erótico. (DRISKILL, 2004:52)

Neste sentido, se tomamos um conceito ampliado de identidades transgêneras – na qual eu cuidadosamente incluo pessoas 2-espíritos, na medida em que o raciocínio se possa aplicar a elas –, nós poderíamos conceber variados Eróticos Soberanos Transgêneros (diferentemente compostos de acordo com as diversas intersecções com outros vetores normativos: raça-etnia, classe social, espiritualidade, sexualidade, etc.) que poderiam constituir processos de cicatrização e empoderamento contra traumas históricos relacionados à criminalização, patologização e inferiorização cultural de vivências transgêneras. Isso inclui “falar alto sobre nós mesmxs – para nossas pessoas, para nós mesmxs” (DRISKILL, 2004:55), reconstituindo nossas vidas, identidades e histórias fora de (ou, também, em diálogo autônomo com) discursos inferiorizantes.

O desenvolvimento de um Erótico Soberano é dificultado porque “fomos ensinadas a desconfiar deste recurso, caluniado, insultado e desvalorizado na sociedade ocidental” (LORDE, 1984:53, pensando no erótico aplicado a mulheres). Não se trata de um caminho linear, rodeado de graciosos jardins e entornos sociais positivos: frequentemente, afirmar a soberania significa arriscar a vida, e ter seu senso de si e de pertencimento ao mundo constantemente sob ataque. Pessoas transgêneras, em particular, sofrem retaliações por todo o mundo por ousarem proclamar suas identidades de gênero apesar de diversas esferas sociopolíticas que vão contra elas (como as esferas médica, religiosa, e familiar). O erótico se constitui como linha de defesa contra normatividades que ameaçam nossas vidas, mais ou menos sutilmente, mais ou menos literalmente:

Nossa sabedoria erótica nos empodera, tornando-se uma lente através da qual analisamos todos os aspectos de nossa existência, forçando-nos a examiná-los honestamente em termos de seus significados relativos em nossas vidas. (LORDE, 1984, 57)

O erótico, portanto, constitui um elemento importante na luta contra a mercantilização do sexo, e conseqüentemente em prol de sexualidades e gêneros descolonizados. Um Erótico

Soberano Transgênero, por sua vez, requer que recuperemos nossas identidades, nossas histórias, nossas resistências, nossas belezas e complexidades de toda e qualquer instância construída pela normatividade cisgênera que nos desconsidere, ridicularize, subjogue, inferiorize e nos simplifique. É somente através dos eróticos que emanam de nossas múltiplas experiências de vida que podemos descolonizar nossas vidas do supremacismo cisgênero – descolonização que não acontecerá enquanto estivermos, conforme citado previamente de Audre Lorde, vivendo fora de nós mesmxs, com base somente em diretrizes externas, sejam elas materializadas em instituições jurídicas e médicas ou nos absurdos proferidos por minha tia.

Referências

AVERT. *Transgender People and HIV/AIDS*. Disponível em: <http://www.avert.org/transgender-hiv.htm>.

DRISKILL, Qwo-Li. Stolen From Our Bodies: First Nations Two-Spirits/Queers and the Journey to a Sovereign Erotic. *Studies in American Indian Literatures*. University of Nebraska, Volume 16, Número 2, p. 50-64, Verão 2004.

DU BOIS, W. E. B. *The Souls of Black Folk*. Chicago: A.C. McClurg & Co.; Cambridge: University Press John Wilson and Son, 1903. Disponível em *The Journal of Pan African Studies*: <http://www.jpanafrican.com/ebooks/3.4eBookSoulofBlackFolk.pdf> , 2009.

INFOLEG. *Identidad de Género (Ley 26.743)*. Información Legislativa y Documental. Ministerio de Economía y Finanzas Públicas, Argentina. Disponível em: <http://www.infoleg.gov.ar/infolegInternet/anexos/195000-199999/197860/norma.htm> , 2012.

International Commission of Jurists (ICJ). *Yogyakarta Principles - Principles on the application of international human rights law in relation to sexual orientation and gender identity*. Disponível em: <http://www.yogyakartaprinciples.org/> , 2007.

JOHNK, Elisabeth. *I'm not commodity*. Life on the Margins. Disponível em: <http://lifemarginally.wordpress.com/2012/03/24/im-not-commodity> , 2012.

KAY, Kerwin, Jill Nagle, and Baruch Gould, eds. *Male Lust: Pleasure, Power, and Transformation*. Binghamton: Harrington Park, 2000.

LORDE, Audre. *Sister Outsider: Essays and Speeches*. Freedom: The Crossing Press, 1984.

MINTER, Shannon Price. Do Transsexuals Dream of Gay Rights? In: Currah, P., Juang, R., & Minter, S. (ed). *Transgender Rights*. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, p. 141-170, 2006.

SERANO, Julia. *Whipping Girl: a transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity*. Emeryville: Seal Press, 2007.

STRYKER, Susan. Transgender History, Homonormativity, and Disciplinarity. *Radical History Review*. Duke University Press, Número 100, p. 145-157, Inverno 2008.

THOMAS, Kendall. Are Transgender Rights Inhuman Rights? In: Currah, P., Juang, R., & Minter, S. (ed.). *Transgender Rights*. Minneapolis: Univ. of Minnesota Press, p. 310-326, 2006.

UNAIDS. *Global report: UNAIDS report on the global AIDS epidemic 2012*. Disponível em: <http://bit.ly/14TM4ZV>, 2012.

V., Viviane. Pela descolonização das identidades trans*. *Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH*. Salvador: Volume 1, Número 1, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/1a9bt4h>

WILKINSON, Willy. Public Health Gains of the Transgender Community in San Francisco: Grassroots Organizing and Community-Based Research. In: Currah, P., Juang, R., & Minter, S. (ed.). *Transgender Rights*. Minneapolis: University of Minnesota Press, p. 192-214, 2006.